

# NOTÍCIAS CNTV



## Boletim Eletrônico

Confederação Nacional dos Vigilantes - Brasília - DF 10/03/2016 - Edição 1465

# CNTV participa de reunião sobre terceirização no MTE



Os diretores da CNTV Moisés Alves e Elenilde Ilorca participaram do encontro e, juntamente com outras entidades, falaram sobre os cuidados que devem ter no debate sobre terceirização

A possibilidade de estender a terceirização para qualquer atividade das empresas, prevista no Projeto de Lei da Câmara (PLC) nº 30/2015, e o impacto disso para os trabalhadores foram debatidos nesta quarta-feira (9), com o ministro do Trabalho e Previdência Social, Miguel Rossetto. A Confederação Nacional dos Vigilantes (CNTV) foi representada pelos diretores Moisés Alves da Consolação e Elenilde Ilorca. Também participaram representantes do Ministério Público do Trabalho (MPT), do Dieese e de entidades sindicais.

O ministro afirmou que o projeto não possui apoio do governo federal e

afronta direitos já conquistados pelos trabalhadores. “Reafirmamos posição contrária ao que foi o Projeto de Lei 4330 e buscamos um projeto mais equilibrado, que preserve os direitos fundamentais dos trabalhadores e amplie a normatização daqueles que hoje estão convivendo com esta situação de terceirizados”, destacou.

Segundo Rossetto, o país necessita de uma qualificação dos direitos do trabalho, preservando a renda, direitos e a qualidade no ambiente de trabalho.

Há no país, segundo levantamento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), mais de 13 milhões

de trabalhadores terceirizados. A luta das entidades sindicais, incluindo a CNTV, é que haja o entendimento dos retrocessos contidos no PLC e sua capacidade de precarizar os direitos dos trabalhadores como um todo.

“A categoria de vigilantes é formada em sua esmagadora maioria por terceirizados. Sabemos e sentimos na pele os riscos que a terceirização desenfreada pode causar. Condições péssimas de trabalho, calotes, atrasos nos pagamentos, insegurança. Cobramos que haja mais cautela e respeito ao tratar dessa questão”, avaliou Moisés.

Fonte: CNTV

# Secretaria de Mulheres da CNTV promove café da manhã em comemoração ao Dia Internacional da Mulher

A Secretaria de Mulheres da Confederação Nacional dos Vigilantes (CNTV) recebeu na manhã desta quinta-feira (11), na sede da entidade, companheiras trabalhadoras para um café da manhã em comemoração ao Dia Internacional da Mulher. Esta foi a primeira de uma série de atividades que serão desenvolvidas para valorizar as companheiras e estimular o relacionamento saudável no ambiente de trabalho.

Para a secretária de Mulheres, Elenilde Ilorca, a correria do dia-a-dia frequentemente impossibilita que colegas de trabalho se conheçam. “Essa foi uma das motivações. Oferecer essa oportunidade às companheiras. Além disso, queríamos comemorar o Dia Internacional da Mulher, data importante e com tanto significado”, destacou.

Segundo Elenilde, o objetivo é promover atividades frequentes, unindo a CNTV e o Sindesv-DF.

Fonte: CNTV



Primeiro café da manhã realizado pela Secretaria de Mulheres tem como objetivo aproximar trabalhadoras de um mesmo local

## Vigilantes de Sergipe aprovam reajuste de 11,5% para salário e tíquete alimentação

Os vigilantes de Sergipe aprovaram na última semana, em assembleias realizadas na quinta e sexta-feira (3 e 4), reajuste salarial e no tíquete alimentação de 11,5%. Agora, o piso passa de R\$ 888 para R\$ 981,20 e o tíquete vai de R\$ 13 para R\$ 14,50. Com data-base em 1º de janeiro, os trabalhadores receberão o retroativo nos meses de

abril e maio.

Após seis rodadas oficiais de negociação, os vigilantes garantiram ganho real apesar dos discursos de crise dos patrões. “Não é ótimo, queríamos ganho real mais significativo, mas levanto em conta a situação do Estado, que é o principal contratante, considero que foi um bom resultado. Foi uma negociação

sofrida, luta em cima de luta para conseguir esse percentual, que as empresas não queriam de jeito nenhum”, avaliou.

Reginaldo agradeceu ainda a participação ativa de dirigentes da Bahia e Alagoas, que contribuíram positivamente na Campanha Salarial.

Fonte: CNTV

# Judiciário exerce papel que foi dos militares na ditadura

**Para presidente do Ipea, setor é essencial para vestir o golpe com o manto da legalidade em substituição às Forças Armadas**



Jessé Souza durante primeiro dia do Enafor

Como legitimar a desigualdade e a injustiça para manter privilégios? O primeiro passo é enraizar a ideia de inferioridade. No caso do Brasil, o conceito de que os brasileiros são naturalmente corruptos e de que a corrupção mora no Estado. Justamente, porque o Estado pode ser um mecanismo de combate à desigualdade.

O segundo passo é atacar qualquer iniciativa do Estado de combate à desigualdade e, quando não é possível vencer via democracia, buscar poderes 'acima de qualquer suspeita' para legitimar um golpe em nome do bem maior do país, papel que exerce o Judiciário atualmente.

A leitura é do presidente do Instituto de Pesquisa e Educação Aplicada (Ipea), Jessé Souza, durante a abertura do 19º Encontro Nacional de Formação da CUT, nesta quarta-feira (9), em Atibaia

(SP).

Souza ressaltou que a dominação de classes é uma construção de séculos e, no Brasil moderno, acontece desde 1930 com apoio da ciência conservadora que pauta jornais, universidades e tribunais. E tomou conta até mesmo da esquerda que, para avançar, precisa desconstruir esse discurso.

## Complexo de vira-lata

O discurso pregado pela elite brasileira de um país 'naturalmente corrupto' é desconstruído por Souza, que compara o Brasil com os EUA.

"Ninguém rouba melhor que os Estados Unidos, a diferença é que lá legalizam o lobby, lavam dinheiros em paraísos fiscais e nossa elite chama isso de virtude e democracia. Já morei lá e sei que ser filho de gente importante resolve muita coisa. Se

rouba como aqui. A única diferença é que aqui toleramos produção de pessoas sem nenhuma condição de vida digna", falou.

Já a ideia de Estado corrupto, ressaltou o presidente do Ipea, surgiu como contraposição ao modelo implementado pelo ex-presidente Getúlio Vargas.

"Isso começa em 1936 para montar uma concepção que combatesse o modelo de Estado de Getúlio. O que estava em jogo era tornar o mercado virtuoso e associar a corrupção, sempre seletiva, com o público. Mas isso só acontece quando há um dirigente com algum comprometimento com classes populares. E toda vez que isso aconteceu, houve golpe", citando Vargas e João Goulart, presidente deposto pelo golpe militar.

Nesse momento, quando torna-se um obstáculo chegar ao poder por meio da democracia, dois atores entram em jogo: a mídia e uma instituição que esteja no limbo da insuspeita.

Souza defendeu que, se não é possível montar uma opinião sem acesso a visões diferentes, é a democracia que está em jogo e passa a vender o golpe como algo mais importante do que a soberania popular expressa no voto. "Esse veneno midiático ajuda a construir a ideia de que o cidadão pode não ser um bom pai, um bom marido, mas é ao menos um brasileiro democrata, campeão da moralidade, o mais honesto. A classe média, por sua vez, é vendida como a única classe moral porque seria a única que ainda consegue se escandalizar."

## O Judiciário

Depois de transformar o discurso em verdade e gerar a instabilidade, é hora de encontrar uma instância 'neutra' para promover a 'limpeza'. No cenário atual, o Judiciário, ironicamente, braço do Estado onde impera a caixa preta, representa a consolidação de privilégios e vantagens corporativas, ressaltou Jessé Souza.

“Antes, quando chegava a uma situação de crise, elites organizadas chamavam generais. Mas, como militares torturaram e roubaram, ficaram inviabilizados. Agora o candidato é o poder judiciário, a instância neutra, acima do bem e do mal, nessa briga para que sejam mais importantes do que o voto”.

Para ele, o combate ao golpe passa pela seletividade justamente da Operação Lava Jato na investigação.

“Quando você diz que está contra corrupção, ganha aliados. Mas quando a apuração é parcil e só atinge alguns partidos e figuras políticas fica clara, a investigação começa a ser um tiro na água. Temos aliados em potencial. Mesmo na classe média, acredito que boa parte está num momento de reflexão para entender porque as coisas acontecem dessa forma parcial”, avaliou.

Na visão do dirigente do Ipea, a disputa está pelo que o Estado representa para a maioria. “Se houve melhoria na vida dos trabalhadores em todo o mundo, isso veio do Estado, nunca do mercado.”

## Mudanças na educação

Também presente no primeiro dia do Enafor, a professora da Universidade Federal Fluminense (UFF) Maria Ciavata abordou o papel da educação e, conseqüentemente, da formação no combate à desigualdade e nos debates sobre os rumos do país.

Para ela, o acesso ao ensino de

qualidade não é prioridade porque gera consciência e uma demanda maior de salários e de lugares privilegiados. “O que a sociedade faz é buscar formas de abafar o que gera reivindicações de mudanças no que antes se denominava status quo.”

zAo abordar a educação técnica, Maria evocou o papel do Sistema S (com instituições como Senai, Sesc e Sesi), que angaria muitos recursos, junto com os investimentos destinados ao Pronatec (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico) sem que isso gere transformações efetivas no chamado apagão de mão de obra, como definem os empresários. Além de deixar lacunas na formação do trabalhador.

“São muitos recursos, mas aplicados em cursos breves e ineficazes para conter desemprego e precariedade relações de trabalho.”

## CUT na berlinda

A professora evocou também o papel da CUT na defesa da democracia e salientou como a atuação da maior central do país é essencial para garantir a democracia.

“O problema do autoritarismo é só admitir uma posição e tratar como inimigo quem pensa diferente. E o contraditório é fundamental para desenvolver um país e fazer a criatividade florescer. E a CUT é indissociável dos interesses da sociedade, especialmente neste momento, luta por um estado

democrático e governos eleitos.”

Opinião compartilhada também pelo presidente da Confederação Sindical Internacional, João Felício, que, em uma análise da atual conjuntura, defendeu que não é mais possível acreditar em conciliações.

“Temos a missão de conscientizar o trabalhador sobre a importância de não lutar apenas por melhores condições de trabalho, mas também por outra sociedade. É o momento de fazermos essa reflexão. O PT abraçou demais a conciliação e não se deu conta de que a outra classe nunca gostará de nós. O mesmo que aconteceu na Europa, onde, agora, todos os direitos que conquistaram estão sendo retirados. A disputa que estamos fazendo tem de ter componente ideológico”, disse.

Esse componente, ressaltaram Rosane Bertotti e Sueli de Melo, secretária e adjunta de Formação da CUT, na primeira mesa do encontro, depende da forma como a Central dialoga com as bases.

“Só conseguiremos fazer a mudança e a transformação que defendemos se dialogarmos com mentes e corações que estão no cotidiano da luta, no campo e na cidade”, disse Rosane, enquanto, para Sueli, a Formação é quem tem o papel de afinar o discurso. “Temos o papel de instrumentalizar os companheiros para enfrentem os debates especialmente nesse momento de embate contra a direita e contra a elite”, definiu.

Fonte: CUT



### Expediente:

Boletim produzido pela assessoria de comunicação da CNTV  
Presidente da CNTV: José Boaventura Santos  
Secretário de Imprensa e Divulgação: Geraldo da Silva Cruz  
Jornalista: Priscilla Beine Abdelaziz  
Projeto gráfico e Diagramação: Anibal Bispo



site: [www.cntv.org.br](http://www.cntv.org.br)  
email: [cntv@terra.com.br](mailto:cntv@terra.com.br)  
Fone: (61) 3321-6143

SDS - Edifício Venâncio Júnior, Térreo, lojas 09-11  
CEP: 73300-000 Brasília-DF